

“O SEU CABELO É BONITO PORQUE É LISO”: VOZES QUE AINDA ECOAM NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Marcia Santos de Oliveira Araújo ¹
Cândida Maria Santos Daltro Alves ²
Jussara Tania Silva Moreira ³

Resumo

Este relato de experiência, que nasceu de um estudo acerca da valorização da identidade negra e da afroalfabetização, surge das ações do Subprojeto de Pedagogia, "Afro-Alfabetizar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ludicidade na Educação Infantil", desenvolvido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, em parceria com a Universidade Estadual de Santa Cruz. Com o objetivo de apresentar práticas pedagógicas afrocentradas, utilizando a literatura e a ludicidade com crianças da Educação Infantil, abordou conceitos como afro(letramento), identidade negra, contação de histórias e a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira. Autores como Gomes (2003) e Lopes dos Santos (2022) fundamentam a discussão sobre o corpo negro e o racismo brasileiro. A metodologia adotada foi qualitativa e exploratória, baseada em observações, registros escritos e relatos reflexivos das interações desenvolvidas nas salas de aula de uma Instituição de Educação Infantil, em Ilhéus, Bahia. A experiência, marcada pela fala espontânea de uma criança – "O seu cabelo é bonito porque é liso" – revelou a urgência de estratégias que promovam a autoestima e o reconhecimento da beleza e ancestralidade negra. Para isso, livros infantis com narrativas afrocentradas, indicadas pelo programa do Subprojeto, foram elaborados e utilizados em contações de histórias, tornando-se a base das ações pedagógicas. Os resultados indicam que a afroalfabetização, por meio da literatura e da ludicidade, contribui para a construção da autoestima, a ampliação da percepção identitária e uma educação mais equitativa desde a primeira infância.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Educação Infantil; Lei 10639/2003, PIBID

Introdução

A efetivação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório, quando se trata de crianças, o ensino da história e cultura afro-brasileira no Ensino Fundamental, apresenta-se como um desafio crucial na Educação Infantil, onde as identidades são primeiramente moldadas.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz – BA, E-mail: msoaraujo.pdg@uesc.br;

² Profa Dra do Departamento de Ciências da Educação, no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, colaboradora do Subprojeto de Pedagogia, "Afro-Alfabetizar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ludicidade na Educação Infantil", E-mail: cmsdalves@uesc.br.

³ Profa Dra do Departamento de Ciências da Educação, da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Coordenadora de Área do Subprojeto de Pedagogia, "Afro-Alfabetizar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ludicidade na Educação Infantil", e-mail: jtsmoreira@uesc.br



Passadas duas décadas desde sua promulgação, inferimos que muitas instituições educacionais permanecem reproduzindo práticas e discursos que silenciam ou invisibilizam as identidades negras. Esse quadro é particularmente crítico na Educação Infantil, período escolar decisivo para a construção da autoestima, da percepção de beleza e do sentimento de pertencimento das crianças.

Foi dentro desse quadro de preocupação que se estruturou o Subprojeto de Pedagogia “Afro-Alfabetizar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ludicidade na Educação Infantil”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). O subprojeto tem como finalidade articular ludicidade, literatura afrocentrada e práticas pedagógicas de valorização da identidade negra, possibilitando a formação de professores comprometidos com uma educação antirracista e equitativa.

Nesse sentindo, como fruto da nossa vivência no Subprojeto de Pedagogia, narramos aqui uma experiência vivida na Escola de Menores João Dom Bosco, em Ilhéus (BA), trazendo o registro da fala de uma criança durante uma atividade cotidiana: “O seu cabelo é bonito porque é liso”. Essa expressão, embora singela, revelou-nos a persistência do racismo estético no imaginário infantil e despertou a necessidade de repensar o espaço escolar como campo de reconstrução simbólica.

Assim, embora a voz desta criança não tenha originado as ações do Subprojeto de Pedagogia, reafirmou a urgência e a pertinência do nosso trabalho como bolsista do PIBID. Neste contexto, o presente relato de experiência tem como objetivo principal apresentar as práticas pedagógicas afrocentradas, baseadas na literatura e ludicidade, desenvolvidas com crianças da Educação Infantil, analisando sua contribuição para a autoestima e a percepção da identidade negra”. Na resposta ao persistente racismo estrutural (Santos, 2022) que se manifesta desde a Educação Infantil (Santiago, 2015) e exige o papel ativo da escola no combate às discriminações (Cavalleiro, 2021), o Subprojeto de Pedagogia propõe a Afroalfabetização como um conceito prático e estratégico.

Esta intervenção busca atuar diretamente na formação da subjetividade, utilizando o poder da narrativa (Bettelheim, 2002) para ressignificar a identidade e combater a internalização de preconceitos. A Afroalfabetização, inserida nos livros infantis, revela representatividade negra (Sousa, 2018) e valorizar a contação de histórias afro-brasileiras (Souza et al., 2019), transformando a estética (cabelo crespo e corpo negro) de um "lugar de conflito" em um eixo de reconhecimento positivo (Gomes, 2003). Com isto estamos alinhando a prática pedagógica à exigência legal da Lei n.º 10.639/03.



Aliás, em nosso olhar de mulher negra e educadora, essa experiência tem ressoado profundamente às experiências da nossa infância em que, por muito tempo, buscamos adequar os próprios cabelos a um padrão estético eurocêntrico e que não nos representava. Atualmente, essa memória tem servido como motivação para desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a ancestralidade e a estética negra desde os primeiros anos de vida da criança. Nesse aspecto, em nossa vida o Subprojeto de Pedagogia tem assumido uma dimensão técnica, política, afetiva e transformadora, sobretudo dentro do objetivo de contribuir para a efetivação da Lei 10.639/03 na Educação Infantil, por meio da criação de materiais didáticos e da mediação de experiências pedagógicas afrocentradas, o que nos oportuniza vivenciar uma metodologia de observação sensível, escuta ativa das crianças e produção coletiva de saberes, elementos que serão detalhados ao longo deste relato.

Ainda cabe informar que essa proposta adotou uma metodologia qualitativa e exploratória, fundamentada na observação participante, em registros reflexivos e na análise das interações e produções infantis. Durante essa trajetória, passamos por três etapas, a saber: formação teórico-metodológica, com leituras e discussões sobre afro(letramento), racismo estrutural e representatividade; criação coletiva de Histórias em Quadrinhos (HQs) afrocentradas, elaboradas pelos bolsistas a partir das vivências observadas; e aplicação das produções nas práticas pedagógicas, por meio de contações de histórias, dramatizações e rodas de conversa com as crianças.

O presente texto está dividido em quatro partes interligadas. Após esta Introdução, apresenta-se a Metodologia, onde descreve as etapas do processo formativo e criativo. A seguir, traz o Referencial Teórico, com os aspectos teóricos que conecta os eixos conceituais do trabalho: afroalfabetização, identidade negra, ludicidade e a Lei n.º 10.639/03. Assim chega aos Resultados e Discussão onde abordam as aprendizagens e transformações observadas a partir do uso das HQs e histórias afrocentradas em sala de aula. Por fim, tecemos as Considerações Finais, com as reflexões sobre a afroalfabetização e a literatura afrocentrada como caminhos de resistência e reconstrução identitária na infância.

Metodologia

A metodologia adotada, como mostra Chizzotti (2006) foi qualitativa e exploratória, baseada em observações, registros escritos e relatos reflexivos. A experiência ocorreu no contexto do Subprojeto Pedagogia da UESC/ PIBID em parceria com a Escola de Menores João Dom Bosco, no município de Ilhéus, Bahia. A escola atende crianças da Educação



Infantil, em sua maioria oriundas de famílias em situação de vulnerabilidade social. As ações foram realizadas entre abril e maio de 2025, com encontros semanais.

Participam desse processo, seis (6) turmas de salas de aulas, sendo três (3) de crianças com quatro (4) anos e três (3) de crianças com cinco (5) anos. As atividades incluem contações de histórias, rodas de conversa, desenhos, colagens, dramatizações e recontos das histórias infantis, o ponto central é a valorização da cultura afro-brasileira e a construção positiva da identidade negra.

As histórias infantis utilizadas nas contações foram produzidas integralmente pelos bolsistas do Subprojeto Pedagogia da UESC/PIBID, com enredos e personagens construídos a partir de referenciais afrocentrados. As ilustrações, os nomes das personagens e os contextos culturais retratados tem buscado dialogar com a vivência das crianças, ampliando o repertório simbólico sobre a beleza, a força e a diversidade dos povos africanos e afro-brasileiros. O processo metodológico foi organizado em três etapas articuladas: formação, criação e aplicação.

No período de formação foram realizados encontros com os bolsistas, centrados em leituras e discussões sobre o afro(letramento) e a educação antirracista efetuadas em Gomes (2003), Lopes dos Santos (2022) e Cavalleiro (2021). As rodas de leitura e os debates coletivos permitiram que os participantes refletissem sobre como o racismo estético e simbólico é reproduzido no cotidiano escolar e sobre o papel do educador na desconstrução desses padrões.

Na fase da criação, os bolsistas elaboraram HQs e histórias infantis com protagonistas e enredos afrocentrados, inspirados nas observações das crianças e em suas vivências. Os roteiros, personagens e ilustrações foram criados de forma colaborativa, com atenção especial à representatividade visual: cabelos crespos, traços diversos, turbantes, brincadeiras e contextos culturais afro-brasileiros.

As histórias foram revisadas pelas professoras supervisoras e coordenadoras e após, integradas ao planejamento das atividades do Subprojeto. E foi na aplicação e vivência pedagógica, quando as HQs e histórias criadas foram utilizadas em contações, dramatizações, recontos e rodas de conversa, onde em cada atividade se buscou a promover a escuta ativa, o diálogo e a valorização da diversidade estética e cultural. As crianças foram encorajadas a falar sobre suas famílias, cabelos, tons de pele e percepções de beleza, criando um espaço de acolhimento e pertencimento, foi assim que surgiu a fala da criança já citada e que serviu de título a este relato de experiência: “o seu cabelo é bonito porque é liso”. Durante as interações,



foram realizados registros escritos, diários de campo e fotografias das produções das crianças, compondo o *corpus* analítico deste trabalho.

Esse percurso metodológico, baseado no ciclo formação–criação–ação–reflexão, consolidou-se como prática de afroalfabetização, em que o saber acadêmico se articula à experiência sensível e à escuta das infâncias negras. Dessa forma, a metodologia adotada permitiu vivenciar, na prática, a importância da representatividade de histórias afrocentradas como ferramenta pedagógica na formação da identidade das crianças da educação infantil.

Referencial Teórico

Ao buscar compreender como é trabalhado a estrutura do racismo na escola brasileira e o papel da narrativa e da contação de histórias na formação da subjetividade infantil, partimos do pressuposto que a experiência que fundamenta este relato, marcada pela fala "O seu cabelo é bonito porque é liso", escancara o que Lopes dos Santos (2022, p. 23) traz, ao afirmar que, "a ideia do Brasil sendo descoberto pelos portugueses já aponta para uma tomada de posição que enxerga a história brasileira a partir da perspectiva eurocêntrica e consequentemente branca". É uma sociedade forjada a partir da hierarquização e da desumanização da população negra, onde a ideologia da supremacia branca foi introjetada na formação do Brasil (Lopes dos Santos, 2022) e que reverbera em todos os espaços sociais, inclusive na escola que atende a primeira infância.

O racismo, como destaca Cavalleiro (2021), convoca a escola a repensar suas práticas e a assumir um papel ativo no combate às discriminações raciais, transformando-se em um espaço da diversidade. E no cerne desta discussão se encontra a questão da Identidade Negra e da autoestima, à qual Gomes (2003) traz uma contribuição fundamental ao abordar a relação entre educação, identidade negra e a formação de professores. Em suas palavras, "o corpo negro e o cabelo crespo são, na escola, lugares de conflito, de negação e, paradoxalmente, de valorização" (Gomes, 2003, p. 169). O olhar de Gomes (2003) sobre o corpo negro e o cabelo crespo desnaturaliza a estética branca como norma e discute o corpo como um campo de batalha política e estética, sendo essencial para a construção de uma autoimagem positiva desde a infância para chegar ao reconhecimento da beleza e ancestralidade negra.

A manifestação do racismo desde a etapa inicial da educação é explicitada também por Santiago (2015), ao reforçar a urgência de intervenções pedagógicas e evidenciar que a Educação Infantil não está imune às práticas discriminatórias, sendo um espaço crucial para o desenvolvimento de atitudes antirracistas e a valorização positiva das identidades.



Como exemplo de uma prática pedagógica inovadora, podemos citar a proposta do Subprojeto de Pedagogia com a afroalfabetização, ou seja, ao utilizarmos livros infantis com narrativas afrocentradas, a literatura passa a cumprir com o propósito adicional de ressignificar a identidade, fornecendo modelos de pessoas negras como personagens centrais e com diálogos que visam a combater a internalização de preconceitos. Sendo assim, é importante destacar que para criar um diálogo dentro da afroalfabetização, cabe citar Bettelheim (2002), ao oferecer uma lente sobre a função psicológica da narrativa na vida de uma criança, pois para ele, os contos de fadas auxiliam no enfrentamento de conflitos internos e na formação da personalidade.

A especificidade e a importância da representatividade negra na literatura infantil são abordadas por Sousa (2018), ao defender que a inserção de personagens e histórias que refletem positivamente a cultura e a experiência negra é vital para a criança negra ver-se reconhecida e para todas as crianças aprenderem sobre diversidade e respeito. Corroborando essa visão, Souza et al. (2019) enfatizam como a contação de histórias africanas e afro-brasileiras na literatura infantil é fundamental para valorizar a diversidade e, sobretudo, para proporcionar o desenvolvimento da identidade cultural positiva, alinhando-se diretamente ao resultado esperado desta experiência. Em síntese, é fundamentada no uso pedagógico e psicológico da literatura, utilizar a contação de histórias como instrumentos de construção da autoestima e da equidade educacional (Bettelheim, 2002; Sousa, 2018; Souza et al., 2019).

Ao constatar, como mostram Sousa (2018) e Souza et al. (2019), que é importante validar o papel da representatividade negra para o desenvolvimento da identidade cultural e para a valorização da diversidade, confirmamos que situar o corpo negro e o cabelo crespo no centro da construção da identidade e autoestima cumpre o duplo papel de ressignificar identidades e promover a equidade, atuando diretamente nas fissuras deixadas pelo racismo estrutural.

Portanto, o uso da literatura e ludicidade dentro do Subprojeto de Pedagogia teve como intenção estabelecer a Afroalfabetização como uma intervenção pedagógica necessária, que alinha a Lei n.º 10.639/03 à prática efetiva em sala de aula, contribuindo ativamente para uma educação que honra a ancestralidade e constrói a autoestima da criança negra desde a primeira infância.

Resultados e Discussão



A fala “O seu cabelo é bonito porque é liso” revelou a força simbólica do racismo estético e desencadeou um processo de reconstrução coletiva de significados. Logo, as HQs e histórias afrocentradas tornaram-se instrumentos pedagógicos de libertação estética e identitária, promovendo discussões sobre diversidade e beleza.

No início das atividades, observou-se a reprodução de estereótipos: comentários sobre “cabelos lisos e bonitos” e “peles claras e bonitas”. Após as contações e rodas de conversa, começaram a surgir novas expressões: “meu cabelo também é bonito”, “quero desenhar meu cabelo igual ao da menina da história”, “ela é parecida comigo”. Essas falas, registradas nos diários reflexivos, evidenciam mudanças perceptíveis na autoimagem e no discurso das crianças, demonstrando o poder das narrativas afrocentradas na formação da identidade.

Conforme Bettelheim (2002), as histórias infantis permitem à criança compreender a si mesma e o mundo de forma simbólica. Ao interagir com personagens negras, as crianças se reconheceram nas narrativas e ressignificaram a própria estética, corroborando a ideia de Gomes (2003) de que o corpo e o cabelo negro são dimensões essenciais da identidade. Sobre esse aspecto, Lopes dos Santos (2022) complementa que o racismo se manifesta de forma sutil e cotidiana, reconhecer essa sutileza foi um dos aprendizados mais significativos entre as bolsistas do projeto nas escolas parceiras.

As HQs criadas pelos estudantes se mostraram um recurso didático visualmente atraentes, sensíveis e próximas da realidade das crianças. As ilustrações despertaram curiosidade, identificação e alegria, confirmando o que Cavalleiro (2021) defende, quando nos faz compreender que a representação positiva do ser negro fortalece a autoestima e sensibiliza as crianças não negras.

Com a contação de histórias surgiram as rodas de conversa, aos quais se tornaram espaços de partilha e reconstrução simbólica. Foram nessas rodas que as crianças narraram suas rotinas, falaram sobre seus cabelos e manifestaram orgulho de sua aparência. Essas vivências, analisadas à luz da abordagem qualitativa, revelam-se como ato transformador da escuta e da representatividade na construção de uma educação verdadeiramente equitativa.

A escuta atenta e sensível das falas das crianças foi uma das premissas para a construção coletiva de sentidos de pertença. Pois foram nessas falas que se viu refletido os valores sociais internalizados desde a infância, o que reforça a relevância de estratégias didáticas que problematizem estereótipos e valorizem outras formas de existir e ser belo.

Essa constatação dialoga diretamente com Ynaê Lopes dos Santos (2022, p. 14), "ao afirmar que o racismo é estrutural, estamos dizendo que ele está em todo lugar, mesmo que não tenhamos consciência disso". Essa perspectiva nos permite compreender que ações



educativas planejadas com intencionalidade, ancoradas em uma literatura afrocentrada, tendem a romper com os silenciamentos em torno dos padrões hegemônicos.

Nesse sentido, como aponta Gomes (2003), o corpo negro e o cabelo crespo são elementos fundamentais na constituição da identidade, e a escola tem o papel de reconhecer e valorizar esses marcadores com respeito e positividade. Seguindo este princípio, ao final de cada contação de histórias, as crianças demonstravam encanto, alegria e identificação. Conforme Bettelheim (2002, p. 12), a narrativa de contos (e aqui tomamos as histórias infantis), "diverte a criança, a esclarecer sobre si mesma e favorece o desenvolvimento de sua personalidade".

O impacto das histórias afrocentradas evidenciou que as crianças, ao se verem representadas, constroem autoestima e desenvolvem um olhar mais justo sobre si e sobre os outros. Ou seja, a representatividade visual e textual na literatura infantil não apenas nutre a autoestima de crianças negras, mas também sensibiliza as não negras, construindo uma visão mais justa e inclusiva desde a infância.

Considerações Finais

A fala da criança, que afirmou "o seu cabelo é bonito porque é liso", foi um reflexo de uma realidade que ainda precisa mudar. Paradoxalmente, essa mesma fala se tornou um chamado à ação para nós, como mulher negra, essa experiência ultrapassou o campo profissional, tornando-se uma vivência profundamente pessoal e política. Esperamos que mais educadores se permitam ser tocados pelas vozes das crianças e encontrem, na literatura e na escuta, caminhos para formar indivíduos mais livres, conscientes e firmes em suas raízes.

Logo, a nossa experiência como bolsista do PIBID tem reafirma que a afroalfabetização, aliada à literatura e à ludicidade, é caminho para a formação de uma educação antirracista, afetiva e libertadora. A criação e aplicação das HQs demonstraram que a representatividade na literatura infantil é capaz de reconfigurar imaginários e fortalecer o sentimento de pertencimento das crianças negras desde a primeira infância.

Aqui nesse relato de experiência a fala da criança "O seu cabelo é bonito porque é liso", transformou-se, em ponto de inflexão, pois ao acolher essa voz trazemos o sentido a uma dor coletiva e histórica, mas também a necessidade de se pensar em uma educação antirracista como modelo de aplicação da Lei 10.639/03, não apenas como cumprimento legal, mas como um ato ético, político e reparador. Portanto, este relato convida a repensar o papel da escola como espaço de escuta, acolhimento e valorização da ancestralidade, pois



educar sob a perspectiva afrocentrada é educar para a liberdade, uma liberdade que reconhece o corpo, o cabelo, a história e a memória como expressões legítimas de beleza e de força

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo suporte e pela oportunidade de desenvolver este trabalho transformador. Um agradecimento especial à Escola de Menores João Dom Bosco, em Ilhéus, Bahia, pela parceria e, acima de tudo, às crianças da Educação Infantil, que com sua escuta ativa e suas falas sinceras, nos ensinaram sobre a urgência de uma educação antirracista.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2021.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167–182, jan./jun. 2003.

LOPES DOS SANTOS, Ynaê. **Racismo brasileiro: uma história da formação do país**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2022.

SANTIAGO, Flávio. Creche e racismo. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 441–460, 2015.

SOUSA, Gabriela Tavares de. A representatividade negra na literatura infantil: dentro da sala de aula. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES(AS) NEGROS(AS) – COPENE**, 2018, Uberlândia. Anais [...].Uberlândia: [editora ou instituição organizadora], 2018.

SOUZA, Livia Ferreira Rocha et al. A contação de histórias africanas na literatura infantil, valorizando a diversidade e proporcionando o desenvolvimento da identidade cultural. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, Teófilo Otoni, v. 1, n. 1, jan. 2019.



